

ISSN 0101- 3335

LETRAS DE HOJE

Nº 121

SETEMBRO DE 2000



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Curso de Pós-Graduação em Letras



LETRAS DE HOJE

REVISTA TRIMESTRAL
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LETRAS - PUCRS

Chanceler

Dom Altamiro Rossato

Reitor

Professor Irmão Norberto Francisco Rauch

Vice-Reitor

Professor Irmão Joaquim Clotet

Pró-Reitor de Administração

Professor Antonio Mario Pascual Bianchi

Pró-Reitor de Ensino de Graduação

Professor Francisco Alfredo Garcia Jardim

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Professor Monsenhor Urbano Zilles

Pró-Reitora de Extensão Universitária

Professora Laury Garcia Job (Pró-Tempore)

Pró-Reitora de Assuntos Comunitários

Professora Laury Garcia Job

Diretor da Revista

Prof. Ir. Elvo Clemente

Conselho Editorial**para Assuntos Lingüísticos**

José Marcolino Poersch, Leonor Scliar Cabral,

Leoi Borges Barbisan, Regina Ritter Lamprecht,

Lêda T. Martins, Carmem Lúcia M. Hernandezora

Conselho Editorial**para Assuntos Literários**

Gilberto Mendonça Telles, Petrona Domínguez de

Rodríguez Pasquês, Regina Zilberman,

Monsenhor Urbano Zilles, Maria Eunice Moreira,

Carlos Alexandre Baumgarten

Pedidos de assinaturas e permutas devem ser encaminhados para EDIPUCRS.

Assinatura anual:

Brasil, R\$36,00

Exterior, US\$30,00

Número avulso, R\$12,00

Formas de pagamento:

Cheque nominal à

EDIPUCRS

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33

Caixa Postal 1429

90619-900 - Porto Alegre - RS - BR

E-mail: edipucrs@pucrs.br

<http://www.pucrs.br/edipucrs/>

Os artigos para publicação devem ser encaminhados para:

Revista Letras de Hoje

Pós-Graduação em Letras - PUCRS

A/c Prof. Elvo Clemente

Caixa Postal 1429

90619-900 - Porto Alegre - RS

A Revista aceita permutas

On demande l'échange

We ask exchange

Os originais enviados à Revista não serão devolvidos, mesmo que não sejam utilizados.

Composição:

PRINT LINE

Impressão:

EPECÊ

L649 LETRAS DE HOJE/Curso de Pós-Graduação em Letras

PUCRS, -n.1 (out. 1967) - , - Porto

Alegre: EDIPUCRS, 1967 -

v.: 22cm

Trimestral

ISSN 0101-3335

1. Lingüística - Periódicos, 2. Literatura - Periódicos

I. PUCRS. Curso de Pós-Graduação em Letras.

CDD 405

805

CDU 8(05)

Publicação indexada em CLASE

Índices para Catálogo Sistemático

Lingüística: Periódicos 80(05)

Literatura: Periódicos 62/89 (05)

Periódicos: Lingüística (05)80

Periódicos: Literatura (05) 62/89

Letras de Hoje

TEORIAS E ANÁLISES LINGÜÍSTICAS

Setembro 2000

PUCRS

SUMÁRIO

Apresentação	5
Os enunciados de tempo no Português de contato <i>Maria Luiza Braga</i>	7
Combinação de orações: gramaticalização de fenômenos co-ocorrentes <i>Edair Gorski</i>	19
Aspecto verbal: uma perspectiva enunciativa do uso da categoria no português do Brasil <i>Valdir do Nascimento Flores e Silvana Silva</i>	35
O tópico no texto argumentativo <i>Leci Borges Barbisan e Rejane Flor Machado</i>	69
Quando o sujeito indetermina o sujeito <i>Lígia Negri</i>	107
O léxico gerativo de James Pustejovsky e seus críticos <i>Rove Luiza de Chishman</i>	119
Considerações sobre a formação lexical de verbos denominais em linguagem de especialidade <i>Sabrina Pereira de Abreu e Leandro Zanetti Lara</i>	139
Especificidades sintáticas na Síndrome de Down <i>Reny Maria Gregolin</i>	155
A dêixis espacial e aspectos biológicos da linguagem <i>Dóris Cristina Gedrat</i>	171
Uma escala argumentativa disponível em língua portu- guesa <i>Teresinha Oliveira Favero</i>	189

APRESENTAÇÃO

Este número de Letras de Hoje aborda questões de teoria e análise lingüísticas aplicadas ao português, sob diferentes enfoques teórico-metodológicos.

Os objetivos de reunir estes trabalhos são o de proporcionar a divulgação de pesquisas desenvolvidas em vários centros de estudos do Brasil e o de confirmar esta revista como um espaço de convívio entre as inúmeras áreas que constituem os estudos lingüísticos.

O artigo de Maria Luiza Braga, a partir da proposta de Hopper e Traugott, investiga as sentenças de tempo no português de contato, sob a perspectiva da gramaticalização, cotejando os resultados obtidos a dados da variedade urbana culta falada como L1.

Também sob o enfoque da gramaticalização, Edair Gorski aborda o processo de combinação de orações. A discussão é ilustrada com análise de mudanças observadas no uso do verbo e da preposição em construções *dar para inf.*

O artigo de Valdir do Nascimento Flores e Silvana Silva propõe, a partir da teoria de Émile Benveniste, uma abordagem enunciativa de estudo do aspecto verbal com dados do português falado culto.

O tópico em textos argumentativos orais e escritos (editoriais e entrevistas), estudado de acordo com a proposta de Givón, constitui-se no tema do trabalho elaborado por Leci Borges Barbisan e Rejane Flor Machado.

A professora Lígia Negri discute o apagamento do sujeito em discursos orais e escritos, analisando recursos sintáticos disponíveis para a realização desse apagamento, com ênfase na indeterminação com o pronome *se*. Faz ainda considerações a respeito das possíveis razões que levam o enunciador a essa estratégia.

O léxico é o tema dos artigos de Rove Luiza de O. Chishman e do de Sabrina Pereira de Abreu e Leandro Zanetti

Lara. No primeiro é apresentada uma análise crítica sobre a teoria do léxico gerativo, exemplificando com palavras da língua portuguesa. No segundo é feito um estudo de fatos sintáticos e semânticos em verbos denominais em linguagem de especialidade, segundo a teoria de Halle e Keyser (1992, 1993).

O texto de Reny Maria Gregolin mostra especificidades sintáticas encontradas na linguagem de portadores da Síndrome de Down, ao analisar a compreensão e a repetição de estruturas contendo orações relativas.

Dóris Cristina Gedrat aborda o significado linguístico do ponto de vista da cognição, destacando o fenômeno da dêixis espacial. Para tanto, toma por base a semântica conceitualista e resultados empíricos sobre a aquisição de termos dêiticos.

O artigo de Teresinha Oliveira Favero, baseado na teoria da argumentação na língua, desenvolvida por Anscombe e Ducrot, estuda exemplos de escalas argumentativas em língua portuguesa.

Esperamos que os textos aqui reunidos possam se constituir em amostras da qualidade dos trabalhos desenvolvidos por pesquisadores da área da linguagem e que tragam alguma contribuição aos leitores interessados.

Porto Alegre, agosto de 2000

*Valdir do Nascimento Flores
Leci Borges Barbisan*

Os enunciados de tempo no Português de contato

*Maria Luiza Braga
UFRJ - CNPq*

Introdução

O precursor dos estudos sobre gramaticalização, segundo Heine, Claudi e Hünnemeyer (1991), teria sido o chinês Zhou Bo-qi, que viveu entre os séculos XIII e XIV. Valendo-se dos conhecimentos dos sinólogos que o antecederam e que, no século X, já distinguiam os símbolos plenos dos vazios, Zhou Bo-qi sustenta que os últimos, previamente, haviam sido plenos. No ocidente, o interesse pelas motivações e questões relacionadas à gramaticalização começa a se manifestar por volta do século XVIII, o foco incidindo sobre os processos de morfologização. Apenas no início do nosso século é que Meillet (1912) defende a inclusão da ordem das palavras no rol dos processos passíveis de serem analisados à luz da gramaticalização.

Nas duas últimas décadas, uma questão que se coloca é saber se os processos de articulação de orações também podem ser estudados sob este prisma. A este respeito Hopper e Traugott afirmam:

Se a gramaticalização é definida de forma ampla de modo a incluir as motivações e o desenvolvimento de estruturas gramaticais em geral, então os processos de articulação de orações claramente inserem-se em seu domínio, como Givón sugeriu. (1993: 168)

Com respeito a este tratamento, os dois lembram judiciosamente que a forma do complexo oracional pode variar segundo as línguas, falantes e ocasião de fala e propõem o seguinte *continuum* capaz de aferir o estágio de gramaticalização de uma dada sentença:

parataxe - dependência - encaixamento	hipotaxe + dependência - encaixamento	subordinação + dependência + encaixamento
---	---	---

A parataxe caracteriza-se pela relativa independência das orações cujos laços semânticos deverão ser inferidos pela máxima da relevância; a hipotaxe, pela interdependência entre um núcleo e uma ou mais orações, as chamadas margens, satélites (Matthiessen e Thompson 1988), que não podem se instanciar por si sós; por fim nas subordinadas, etapa mais avançada, a margem funciona como um constituinte da matriz. A parataxe corresponde, então, a uma menor dependência, a hipotaxe, à interdependência e a subordinação, à dependência máxima.

A dependência, por sua vez, é caracterizada da seguinte forma:

Parataxe (independência) núcleo integração mínima elos maximamente explícitos	Hipotaxe (interdependência)	Subordinação (dependência) margem integração máxima elos minimamente explícitos
--	--------------------------------	---

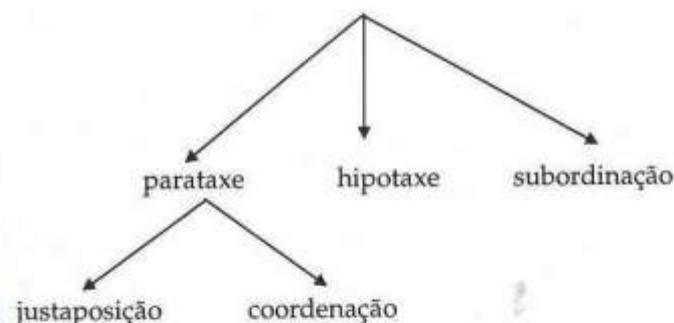
Desnecessário recordar que o grau de integração máxima corresponde à maior gramaticalização.

Ao incluírem a natureza do elo, ou melhor, a explicitude do elo entre as orações de um período, entre os critérios aferidores do grau de integração, os autores retomam uma forte tradição dos estudos sobre a linguagem, postura também compartilhada por vários lingüistas.

Lakoff (1984), por exemplo, ao se referir ao desenvolvimento da hipotaxe, distingue quatro níveis: *parataxe pura*, *mixo-*

taxe, *quase hipotaxe* e *hipotaxe*. A *parataxe pura* inclui aquelas ocorrências em que nenhum elo conectivo se insere entre as orações que constituem o período. A *mixotaxe* compreende os casos em que ocorre um elo, como as conjunções coordenativas, que sinaliza a existência de relações entre as orações, sem todavia especificar a natureza semântica desta relação. As *quase-hipotáticas* diferenciam-se do processo anterior pela explicitação, via conectivo, do nexos semântico — tempo, seqüencialidade, causa, condição — entre as orações da sentença. Por fim a *hipotaxe pura* compreende os casos em que a oração subordinada perde sua identidade oracional.

A proposta de Hopper e Traugott difere da de Lakoff uma vez que os primeiros consideram como paratáticas tanto as construções com orações adjacentes quanto aquelas em que um elo de natureza coordenativa se instala entre as duas orações do período, como mostra a representação abaixo.



Para os autores em pauta, duas orações contíguas, vinculadas de alguma forma, seja pela entonação, seja pelo compartilhamento de algum elemento, constituem um período com orações unidas, gramaticalmente, por justaposição. Quando à sinalização do vínculo por meios entonacionais acrescenta-se um conectivo semelhante a *and* fala-se em coordenação. Este processo exibiria um grau maior de gramaticalização já que sua morfossintaxe gramatical é mais explícita.

Neste trabalho, valho-me da proposta de Hopper e Traugott e investigo as sentenças de tempo no Português de

Contato¹ (PC, daqui para frente), sob a perspectiva da gramaticalização. Sempre que possível, cotejo os resultados obtidos para o PC àqueles de que disponho para a variedade urbana, culta, falada como L1².

2. Os enunciados de tempo

A abordagem gramatical mais recente, não obstante as discrepâncias entre autores, ao considerar os processos de junção de orações, arrola coordenação e subordinação, fundamentando-se em critérios sintáticos, funcionais e semânticos. Com relação às coordenadas e às chamadas subordinadas adverbiais, comumente estabelece, por assim dizer, um correlato entre a relação semântica envolvida e o estatuto sintático da oração em pauta.

Não escapa aos gramáticos mais argutos, no entanto, que o isomorfismo entre conectivo e tipo de oração é, muitas vezes, desobedecido. Também a investigação de dados empíricos mostra, à exaustão, que, ao codificar uma dada relação semântica, o falante pode escolher entre alternantes capazes de exprimir, mais ou menos, o mesmo significado³. Estas diferentes manifestações sintáticas foram muito bem estudadas por Gryner (1995) e Paiva (1995), quando da investigação dos enunciados condicionais e causais, respectivamente.

Com referência às orações de tempo, o leque de opções à disposição do falante ainda é mais amplo. Como mostrei alhures, essa relação proposicional pode ser codificada por parataxe (tanto na versão justaposta quanto na coordenada), hipotaxe e por subordinação. A escolha de uma estratégia, em detrimento das outras não é, evidentemente, livre. Ela se mostra sensível, entre outras variáveis, a gênero discursivo, registro, caracterís-

ticas idiossincráticas do falante. Neste trabalho, considero as sentenças de tempo a partir de dois grupos de fatores, *processos de junção*, variável que me leva a uma incursão pelos juntores, e *posição da oração de tempo*, face à oração núcleo a que se vincula.

Os processos de junção — justaposição e coordenação (=parataxe), hipotaxe e subordinação — foram identificados mediante critérios formais. Considerei como *subordinadas* aquelas orações em que um N, que remetia a uma noção temporal, vinha modificado por uma oração relativa; como *hipotáticas* aquelas orações introduzidas por um dos conectivos ou locuções conjuntivas subordinativas arrolados pela abordagem tradicional; como enunciados de tempo *coordenados* aqueles em que uma das orações ou as duas viessem precedidas ou por *aí* ou por *então*; e como *justapostos* aqueles enunciados em que a junção das orações fazia-se por meio de zero. Neste caso, a inferência da leitura temporal repousa fortemente sobre o conhecimento enciclopédico do analista. Abaixo, são oferecidos alguns exemplos.

(1) Parataxe

Justaposição:

F: ele chego lá. eu tava la Kuikum. (6, p.1)

Coordenação:

F: ... chegarum lá, aí eu via Kamayura. (6, p.4.)

Hipotaxe

E: Não tem uma grande (roça) para todo mundo, não?

F: Cada um tem roça, deles.

E: E quando acaba a dele?

F: Quando acaba, come a do otro tamém. (6, p. 3)

Subordinação

F: Então, eu não conhece ele, eu não conhece nunca conhece Kawayura. Primeiro vez que Orlando, ele desceu junto caraiba, eu não conhece Orlando. (5, p.5)

Os resultados para esta variável são mostrados abaixo.

¹ O Português de Contato é uma variedade com traços pidginizantes, empregada, no Alto Xingu, pelos falantes nativos em seus contactos interétnicos. As amostras de fala em que se baseia este trabalho foram coletadas por Charlotte Emmerich e integram o acervo maior do Projeto PEUL.

² Para caracterizar a norma urbana culta, utilizei as amostras de fala do Projeto NURC.

³ Não é necessário recordar que estou falando sobre o conteúdo proposicional das orações. A sinonímia perfeita, inexistente no plano lexical, é mais improvável, ainda, no plano oracional.

proficiência ⁴	4		5		6		7	
	No.	%	No.	%	No.	%	No.	%
justaposição	5	26,0	6	14,0	1	4,5	1	7,5
coordenação	5	26,0	1	2,0	3	13,0		
hipotaxe	9	48,0	34	79,0	15	65,0	10	77,0
subordinação			2	5,0	4	17,5	2	15,5
Total	19	100,0	43	100,0	23	100,0	13	100,0

TABELA 1: Processos de junção e grau de proficiência dos falantes.

A tabela acima mostra, se considerarmos cada estratégia em separado, que a *hipotaxe* constitui o processo mais produtivo, qualquer que seja a fluência dos falantes. O uso das demais correlaciona-se com o grau de proficiência. O comportamento mais diferenciado fica por conta do falante de nível 4: aparentemente não domina, ainda, a estratégia subordinada e empregada, na mesma proporção, os mecanismos paratáticos (justaposição + coordenação) e hipotáticos.

Parece desnecessário recordar que o comportamento dos falantes, no que tange aos processos de vinculação de orações, é variável e que o que é relevante, enquanto fenômeno variável, é a "quantidade" de ocorrências de uma das variantes, como frisam os adeptos da sociolinguística variacionista. Os falantes diferem linguisticamente não pela substituição categórica de uma alternante por outra, mas pelo maior ou menor emprego de cada uma. A este respeito vale mencionar um antigo artigo de Ochs (1979) no qual ela sustenta que as estratégias adquiridas mais cedo não são expurgadas da competência linguística. Ao contrário, elas ficariam como que no limbo, à disposição dos falantes, que as selecionam segundo suas necessidades. Assim, dependendo das circunstâncias, o que inclui traços contextuais

tais como grau de formalidade, tipo de discurso, etc., o falante lança mão de uma ou de outra.

Já quanto aos juntores, os falantes do PC usam predominantemente *quando*, comportamento semelhante ao dos falantes do português como L1, no registro oral (Braga 1999). Como ocorre nos enunciados dos últimos, as orações iniciadas por este conectivo, a depender do contexto linguístico, mais particularmente dos estados-de-coisas codificados pela oração hipotática e pela oração nuclear, podem exprimir nuances temporais diferenciadas — anterioridade, simultaneidade total ou parcial, posterioridade — e mesmo outras relações semânticas, tais como condição, causa, como ilustram os trechos seguintes:

- (2) F: ...quando chefe vai morrer né?, aí tem Kwarup (4, p.3)
 F: ...quando que índio braba vai matá nós, ele vai morrer também (5, p.6)
 F: ...ele chama a gente de gulosa quando a gente tá falano (7, p.14)

Schiffrin (1987), no trabalho sobre *and*, em inglês, sustenta que esta conjunção sinaliza apenas que existe uma relação entre as orações interligadas por ela, sem, no entanto, precisar a natureza da relação semântica que se estabelece. Não me parece que *quando* tenha atingido tal estágio de 'descoramento semântico', para me valer de uma metáfora usual nos primeiros estudos sobre gramaticalização. *Quando*, todavia, precisa menos os tipos de relação temporal que podem se estabelecer entre duas orações e, talvez, por isso, mostre-se mais adequado às manipulações conceituais que lhe são imputadas pelos falantes do Português de Contato.

Com efeito, as diferenças mais interessantes entre os falantes do PC e do português como L1, no que diz respeito aos enunciados de tempo, decorrem dos usos dos conectivos. Chamou-me atenção, principalmente, a locução *quando que*, que, a princípio, interpretei como uma 'mera' variante de *quando*. Uma investigação mais atenta mostrou, no entanto, que ela tende a co-ocorrer com *aí*, em um contexto que faculta uma interpretação de estados-de-coisa que se seguem uns aos outros.

- (3) F: ...quando que o campo tá pronto aí outo que pessoal chegou lá (5, p.3).

⁴ A distribuição dos falantes pelos graus de fluência é aquela estabelecida por Emmerich (1984).

É provável que a inferência de ordenação temporal se beneficie da presença de *aí*, item usual nos trechos nos quais as orações se dispõem segundo a suposta ordem dos eventos no "mundo real"⁵. O emprego de *quando que* é restrito aos falantes com grau baixo de proficiência; já os falantes mais fluentes, para sinalizar anterioridade ou posterioridade, utilizam as locuções *depois que*, *antes que*, como é ilustrado a seguir.

(4) F: ...depois que o Olimpio veio aqui, aí começou chama no (6, p.3)

F: teve de cercá tudo aquele roça antes que o porco acaba tudo. (7, p.19)

Quanto a *aí*, trata-se de estratégia recorrente e, em certos contextos, parece funcionar como um morfema delimitador de orações ou, pelo menos, um indicador de que uma interpretação temporal deverá/poderá ser atribuída àquele enunciado. *Aí* aparece em diferentes posições, combinado ou não com *quando*.

(5) Parataxe

F: ... aí caraíba chego, eu tava lá Kuikum (5, p.1)

F: ... chegarum lá, aí eu via Kamayura (5, p.6)

F: aí peixe apareceu, aí a gente aí tachaaaa (4, p. 4)

(6) Hipotaxe

F: ...quando tava assim hora mais tardinha, aí chego aldeia (5, p. 11)

F: ...aí quando comida cabo ele voi embora (5, p.10)

F: ...aí quando tava escuro, aí Orlando atiro (5, p.11)

Eventualmente, *então* é usado nos contextos de tempo.

Nas quatro ocorrências encontradas, este item ocupou sempre a primeira posição e sua incidência pareceu desvinculada da oração introduzida por *quando*, como exemplifica o trecho (7).

(7) F: Ele falo: "Sarima, como vai Sarima?" Falei: "Tá bom, eu bem." Ai ele pego, cara, assim ele choro. Ele lembrava, ele mais velho que nos, é ele que mais velho e. Então Alapiti, Kanato asso que ele conhece pequeno, quando tá fazem o colo daquele criança, ele conhece Kanato. Ai ele pego cara, ele choro. (5, p.5)

⁵ Distribuição semelhante é exibida pelos falantes de português como L1, como mostra Martelotta (1994) e Tavares (1999), entre outros.

O Português de Contato e o português falado como L1 divergem em se tratando do comportamento de *então* nos enunciados de tempo. Na última, *então* tende a preceder a segunda oração, independentemente de seu estatuto hipotático ou nuclear, bloqueando a alteração potencial da ordem entre as orações do período em pauta. Em trabalho anterior (Braga 1999), sugeri que este poderia ter sido o contexto que facultou a transição *uso adverbial* → *uso como juntor*, visto a ambigüidade entre duas leituras possíveis: uma, anafórica e a outra, sequencial:

(8) F: quando a arte é muito grande ou eles estão brincando, *então* eles acusam o pai ou a mãe (SP, D2).

Sob a perspectiva da gramaticalização dos jutores, o uso diferenciado entre *ai* e *então*, por um lado, e as diferenças quanto ao uso de *então* nos enunciados de tempo, no PC e no português falado como L1, é pertinente. Na função juntiva, *então* tende a sinalizar relações lógicas, tais como consequência, conclusão, enquanto que *ai* tende a codificar relações temporais, mormente sequenciais. As últimas são mais básicas, sobretudo no tipo de gênero discursivo elicitado pelas entrevistas que estou examinando, o que explicaria sua maior frequência.

O cotejo entre o PC e português como L1 desvela aspectos instigantes. É fato aceito sem maiores controvérsias que *então* 'deslizaria' de um uso adverbial para um textual e se desgramaticalizaria, ou 'discursivizaria', como sugere Castilho (1997). Ou seja, a sinalização de relações entre porções discursivas seria um estágio posterior. O que os dados do PC estão sugerindo, no entanto, é que o uso textual tem precedência cronológica sobre outros. Face a estes resultados, cumpre se questionar em que medida os dados de aquisição de segunda língua, em situações de pidginização, espelhariam o processo diacrônico de mudança.

A segunda variável investigada foi a *posição da oração de tempo em relação à oração nuclear com que se articula*. Propus este grupo de fatores porque, como lembram Harris e Campbell (1995), a localização da oração é comumente utilizada como um

dos critérios capazes de 'medir' o grau de integração de duas orações, conseqüentemente, seu grau de gramaticalização⁶.

Em 94,5% (84/95) dos enunciados, as orações de tempo ocupam a primeira posição. Se pospostas, as orações hipotáticas servem para delimitar, restringir o conteúdo proposicional da oração núcleo.

(9) I: Muito chata aquela mulher, rapai, mamaezinha. (...)
Velha e priguiçosa. Ela chama a gente de gulosa *quando a gente tá falando com Aritana*, né. (7, p.14)

Com referência aos enunciados em que as orações encontram-se justapostas, vale salientar um padrão mais ou menos recorrente, qual seja, a reiteração da primeira oração da seqüência, daquela que cria a moldura temporal do evento seguinte:

(10) E: E como é que foi? Ele chegou...
I: *Ele chego lá*, eu tava lá Kuikum eu tava tudu junto lá Kuikum. *Ele chego*.
(5, p. 1)

Quanto à variável *posição*, as diferenças entre PC e português falado como L1 são de ordem quantitativa. Para a última, a anteposição representa também a ordem não-marcada, mas as percentagens para as duas localizações, anteposição e posposição, não são tão polarizadas.

A análise apresentada acima mostra que o uso variável de conectivo e de estratégia de vinculação de orações — parataxe, hipotaxe, subordinação — correlaciona-se ao grau de proficiência na variedade padrão do português por parte dos falantes nativos do Xingu. Mostra, igualmente que, no que tange à posição da oração de tempo, a variação é restrita. Face a estes resultados, duas questões revelam-se pertinentes: em que medida eles comprovam a hipótese de Givón 1979 segundo a qual o modo sintático de comunicação constituiria uma gramaticalização do modo pragmático? A ausência de variação, em se tratando de aspectos ou fenômenos variáveis, atestaria um domínio incompleto de uma dada variedade lingüística?

⁶ Em consonância com tal hipótese, defende-se que a intercalação constitui o grau máximo de integração.

3. Conclusão

Neste artigo, investiguei os enunciados de tempo no Português de Contato, sob o prisma da gramaticalização. Inicialmente considerei a hipótese de Hopper e Traugott (1993), segundo a qual as estruturas com orações encaixadas estariam mais compactadas sintaticamente, conseqüentemente, mais gramaticalizadas. A seguir, examinei os enunciados de tempo segundo duas variáveis, *tipo de processo de junção*, com incursão pelo uso de conectivos, e *ordem das orações que constituem o período de tempo*. Mostrei que, com relação ao primeiro grupo de fatores, há diferenças relativamente consistentes entre os indivíduos, diferenças que se correlacionam com o seu grau de proficiência no português padrão. Mostrei também que, quanto à ordem das orações de tempo nos enunciados que me interessam, variação é restrita. Tais resultados levantam questões relevantes para a abordagem da gramaticalização e interpretação do *status* gramatical da variação.

Referências bibliográficas

- BRAGA, M. L. Os Enunciados de Tempo no Português Falado no Brasil. In NEVES, M.H. M. (org.) *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1999, 443-459.
- EMMERICH, C. (1984) *A língua de contato do Alto Xingu: origem, forma e função*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro:UFRJ, mimeo.
- GIVÓN, T. (1979). *On understanding grammar*. New York: Academic Press.
- _____ (1995). *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins Company.
- GRYNER, H. (1995). Graus de Vinculação nas Cláusulas Condicionais. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 28, 69-84.
- HARRIS, A. & CAMPBELL, L. (1995) *Historical syntax in cross-linguistic perspective*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HEINE, C., CLAUDI, U. and HÜNNEMEYER, F. (1991). *Grammaticalization. A conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press.
- HOPPER, P. and TRAUOGOTT, E. (1993). *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.

- LAKOFF, R. (1984) *The pragmatics of subordination*. Proceedings of the Tenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society.
- MARTELOTTA, M. E. (1994) *Os circunstanciadores temporais e sua ordenação: uma visão funcionalista*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro. UFRJ, mimeo.
- MEILLET, A. (1912). L'évolution des formes grammaticales. *Scientia* 12, 26.6.
- OCHS, E. (1979). Planned and unplanned discourse. In GIVÓN, T. (ed.) *Discourse and syntax*. New York: Academic Press.
- PAIVA, M. C. (1995). Cláusulas Causais: Iconicidade e Funcionalidade. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 28, 59-68.
- SCHIFFRIN, D. (1984). *Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press.
- TAVARES, M. A. (1999) *Um estudo variacionista de aí, daí, então e e como conectores seqüenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis*. Dissertação de mestrado. UFSC, mimeo.